

(X) Graduação () Pós-Graduação

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TEMPOS DE PANDEMIA: o Residência

Pedagógica - Pedagogia CPNV/UFMS

**Aline Fernanda Nogueira Militao,
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, CPNV,
alinemilitao34@gmail.com**

**Geny da Silva Andrade,
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, CPNV,
geny.pretinha@hotmail.com**

**Adriana de Aquino Pereira Rodrigues,
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, CPNV,
adri.aqui@yahoo.com.br**

**Larissa Wayhs Trein Montiel,
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, CPNV,
larissa.montiel@ufms.br**

RESUMO

O respectivo trabalho trata-se de um relato sobre as experiências do Programa Residência Pedagógica, ao desenvolver atividades do segundo módulo que iniciou em março de 2021 de forma remota, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS-CPNV, e contou com a presença de 8 bolsistas e duas voluntárias, juntamente com a professora orientadora que é vinculada ao programa, e a preceptora que atua na rede pública de ensino de uma escola no município de Naviraí -MS. Cujo o objetivo é desenvolver atividades para alfabetização de crianças no primeiro ano do ensino fundamental. Todos os trabalhos e demais atividades foram desenvolvidas de forma remota devido à pandemia que estamos enfrentando desde início de 2019 impossibilitando a oportunidade de vivenciarmos momentos de ensino e aprendizagem em ambiente escolar, ocasião que tivemos que nos articular modificando e buscando novas estratégias para dar continuidade as atividades propostas. Os encontros de estudos teóricos do Residência Pedagógica ocorrem duas vezes na semana ao final das tardes, realizamos estudos sobre alfabetização, letramento, matemática e formação de professores, debate de textos ligados a essas temáticas e conta com a participações de diversos profissionais da área que colaboraram para o aprendizado no projeto.

Palavras-chave: Residência Pedagógica; Estudos Teóricos; Aprendizagem, Ensino Remoto.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde que a pandemia do Covid -19 se instalou no mundo, muitos estudantes ficaram fora do processo pedagógico da escola. Alguns países adotaram o fechamento total de escolas, outros apenas em zonas consideradas de risco ou deixaram abertas aquelas com crianças pequenas cujos pais trabalham em setores críticos para a sociedade.

Aqui no Brasil, até pouco tempo a maior parte dos governos estaduais e municipais optaram pelo fechamento total para reduzir as chances de que os estudantes se tornassem vetores do vírus para suas famílias, no Mato Grosso do Sul as escolas estavam todas fechadas até 2 de agosto de 2021, retornando as aulas presenciais em formato híbrido com o revezamento da turma a partir do dia 9 de agosto.

Os professores tiveram que se adaptar a esta nova forma de ensinar a distância, também passando por dificuldades, pois alguns professores não utilizavam as ferramentas desse mundo tecnológico e do dia para a noite tiveram que passar a ministrar as suas aulas a distância. As formas de mediar os conteúdos variavam de professor para professor, alguns montavam apostilas para que os alunos pudessem imprimir e realizar as suas atividades dando suporte pelo grupo do *WhatsApp*, com orientações e vídeos. Outros preferiam dar suas aulas ao vivo pelo *Google Meet*.

Assim como os professores, as crianças também apresentaram dificuldades para se adaptar a esta nova forma de ensino, até porque nem todos tem acesso exclusivo a internet em casa, necessitando muitas vezes se deslocar para outros lugares para acompanhar as atividades. As crianças também saíram da rotina que estavam adaptados, pois em casa muitos consideravam que estavam de férias e não queriam realizar as atividades nos dias respectivos solicitados, mas apesar de todos os obstáculos também há aquelas crianças que se adaptaram muito bem, e as que conseguem o auxílio da família tiveram maior sucesso na escola, mas essa não foi a realidade da grande maioria pois, os pais trabalham o dia todo, o que acaba dificultando esse apoio.

Para as acadêmicas do curso de Pedagogia este período também foi muito desafiador, pois as aulas presenciais tornam os conteúdos mais claros, e com as aulas *online* acabamos deixando de realizar os estágios no chão da escola. Diante disso, o programa da Residência Pedagógica (RP) Alfabetização do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí-MS, também sofreu adaptações para possibilitar uma experiência para as residentes nesse momento de pandemia, possibilitando vivenciar estas

práticas mais de perto, mesmo que remotamente, realizando reuniões teóricas com a professora orientadora e a professora preceptora da escola campo e com palestras onde recebemos convidados para reforçar os estudos teóricos, podendo formular planos de aula bem como a confecção das atividades para as crianças do primeiro ano do ensino fundamental, observando assim todo o aprendizado e a realização das atividades nos proporcionando mais experiência.

2. OS ENCONTROS TEÓRICOS DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

O programa RP iniciou as atividades do segundo módulo em março de 2021, de forma remota e síncrona. No primeiro momento continuamos a leitura do livro que havia iniciado no primeiro módulo dos organizadores, Reginaldo Fernando Carneiro, Antônio Carlos de Souza, Luciane de Fatima Bertini (2018), sobre a “Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: práticas de sala de aula e de formação de professores”, realizando assim discussões acerca do conteúdo.

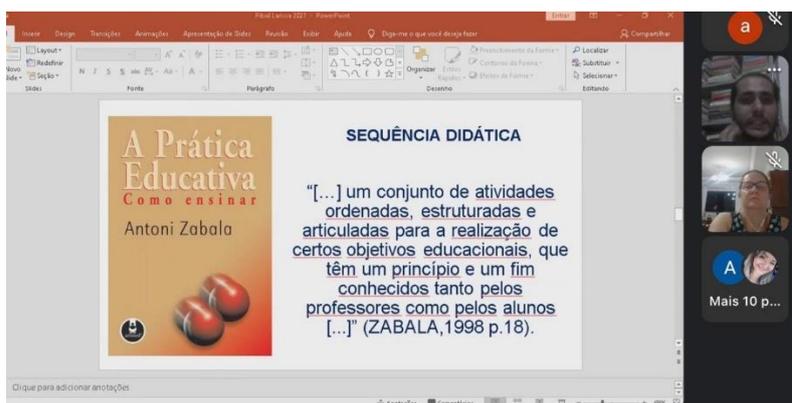
Em seguida realizamos o estudo dirigido sobre o texto de Bernadete Gatti (2003), sobre “O professor e a avaliação em sala de aula”. O texto discorre sobre avaliação do ensino e aprendizagem em sala de aula, tanto na visão docente, quanto na visão por parte dos alunos. É dito que o método de ensino não é padronizado e que cada professor busca a melhor maneira de seus alunos aprenderem o que está sendo ensinado, muitos usam seu lado criativo, para que a aprendizagem seja mais efetiva. Por outro lado, também é discutida a avaliação discente perante os vários métodos adotados da equipe de professores em atuação na sala de aula. As provas avaliativas em sala de aula são basicamente o meio mais usado de “medir” o conhecimento e a aprendizagem em classe, e foi apresentado alguns aspectos para que a prova não seja vista como algo tão negativo aos alunos, sendo apontadas também sugestões para ser melhor elaborada aos alunos, evitando assim, a conhecida “cola”.

As mudanças de concepções mostram que essas provas também podem ser usadas como método de aprendizagem. No processo avaliativo, em especial sobre dar notas a seus alunos, os professores atribuem métodos pessoais e cada um tem seu padrão no lançamento dessas notas, é importante também uma comunicação mais acessível entre professor-aluno, tanto na criação de novos métodos de ensino quanto para um melhor entendimento do que está sendo repassado, no caso dos alunos. Enfatizou-se que o professor deve ter modos de avaliação bem diversos, para que haja mais facilidade no processo de avaliação, e deve ser encarada como um meio para melhor desenvolvimento do corpo discente, onde assim ambos os lados tirem o melhor proveito

possível.

Após refletirmos sobre esses processos, em um encontro posterior tivemos a participação do professor Thiago Moessa que nos apresentou sobre os gêneros textuais e sequência didática, refletindo sobre as implicações para um ensino de melhor qualidade.

Figura 1: Reunião convidado 1



Fonte: Arquivo das residentes.

Rebemos também a participação da professora Roseli Maria Rosa de Almeida, que nos apresentou as hipóteses silábicas, a aquisição do sistema de escrita e o desenvolvimento da consciência fonológica. Pesquisas mostram que as crianças têm ideias próprias sobre a escrita e a leitura, o construtivismo psicogenético mostrou como os aprendizes vão elaborando hipóteses e resolvendo questões para os problemas que eles mesmos se colocam, num movimento de reconstruções, no qual antigos conhecimentos vão dando lugar a novas formulações.

O professor precisa fazer o diagnóstico de cada aluno, saber identificar em qual nível silábico ele se encontra. O nível pré-silábico e o baixo grau de consciência fonológica, a criança não realiza a correspondência da fala e escrita, o desafio é distinguir o desenho da escrita e estabelecer a correspondência sonora, assim escrever é reproduzir traços que a criança identifica como escrita.

No nível silábico para ler coisas diferentes devemos escrevê-las de forma diferente, há preocupação em corresponder o número de letras e número de sílabas (ainda que as letras não correspondam à escrita correta) ocorre a fonetização da escrita. O nível silábico-alfabético a sílaba não é considerada mais uma unidade e pode ser segmentada em unidades menores (começa a analisar a relação fonemas e grafemas). O nível alfabético a consciência fonológica

e mais desenvolvida, o processo de leitura e escrita e mais analítico e não automático. Ao longo do processo ensino aprendizagem é importante que o professor possa ter um registro (caderno) sistemático do avanço de cada criança.

Figura 2: Reunião convidado 2



Fonte: Arquivo das residentes.

Contamos também com a participação da professora Erika Natacha Fernandes de Andrade que nos apresentou sobre a música e a literatura, as histórias sonorizadas. Reforçou sobre a importância de vivenciar as linguagens humanas (artísticas) em suas funções sociais, viabilizando a interação, a problematização, a construção de significados, a expressão individual, o acesso a materiais (em variedade e quantidade), a frequência (evitando a mera didatização). Para a literatura e música no trabalho pedagógico, podemos pensar na proposição de ações interdisciplinares, que não desmerecem a importância de uma música ou de um livro enquanto obra artística; buscando o diálogo entre linguagens, sem barreiras disciplinares, em favor da experiência do aprendizado coletivo/individual.

A sonorização de histórias consiste na utilização de efeitos sonoros (corpo, instrumentos, objetos sonoros, objetos do cotidiano, elementos naturais, trechos de canções, no âmbito da contação de uma história (leitura de poesia, parlenda, lenda, quadrinha etc.). Na sonorização de histórias há a vivência da representação; simbolização; da conscientização sonora; da construção de significados coletivos; do controle voluntário do comportamento; dos afetos humanos; da imaginação; do deleite etc.

A história sonorizada pode ser criada e apresentada pelo (a) professor (a); também pode

(e deveria) ser criada e apresentada pelas crianças, a história (bem vivida em sua função social) pode, ainda, ser “fio condutor” para outras propostas pedagógicas (desenho, escrita, problematização que viabiliza a consciência fonológica, criação etc.).

Após discutirmos sobre esses processos, a professora nos convidou a fazer uma história sonorizada, separamos diversos materiais que tínhamos em casa mesmo que reproduzisse algum som ou que representasse algo da história que iríamos trabalhar. Num próximo encontro com a professora Erika, fizemos a sonorização da história “Iemanjá e as águas do mar”, foi uma experiência maravilhosa.

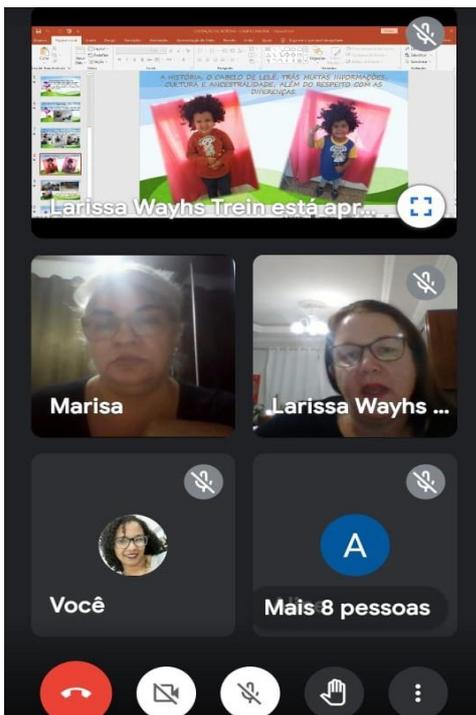
Figura 3: Reunião convidado 3



Fonte: Arquivo das residentes.

Posteriormente contamos com a participação da professora Marisa Leal, nos apresentando sobre a contação de histórias na educação infantil, sobre o planejamento para se trabalhar com a contação de histórias, usar a criatividade, chamar a atenção da criança. Nos indicou diversas histórias infantis para desenvolver com as crianças, reforçando diversos contextos do nosso dia a dia, como por exemplo o preconceito, utilizando a história “O cabelo de Lèle”.

Figura 4: Reunião convidado 4



Fonte: Arquivo das residentes.

Por fim, finalizamos as participações dos encontros teóricos do RP com a professora Geiliane Salles sobre sequência didática. A sequência didática exige um planejamento mais amplo em relação ao plano de aula, pois aborda várias estratégias de ensino, bem como, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Também discutimos sobre os processos de alfabetização, e como devemos estar atentos ao desenvolvimento de cada criança, de onde devemos partir e como agir diante das dificuldades.

Figura 5: Reunião Convidado 5



Fonte: Arquivo das residentes.

Após os estudos realizados, começamos a planejar as aulas e atividades para a turma do primeiro ano do ensino fundamental sob orientação da professora orientadora e preceptora da escola campo, e assim realizamos o plano de aula e montamos as atividades que ainda começarão a ser executadas pela professora preceptora dentro da sala de aula, pois ainda estamos realizando as ações de forma remota, gravando vídeos para os alunos com orientação para a realização das atividades dentro da sala de aula e em casa, pois apesar das aulas no município terem retornado no início do mês de agosto de 2021 de forma híbrida com o revezamento dos alunos, continuamos realizando as atividades de forma remota até a situação estar mais controlada.

3 RESULTADOS, DESAFIOS E APRENDIZADO

O Programa Residência Pedagógica Alfabetização do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Naviraí-MS, tem contribuído muito para a nossa formação pedagógica. Acompanhar e desenvolver estudos e atividades, mesmo que a distância, tem sido muito importante para nosso aprendizado. Não tem sido fácil realizar este trabalho de forma remota, visto que presencialmente obteríamos muito mais resultados, apesar de tudo estar bem encaminhado.

Adaptar a regência para o ensino remoto foi desafiador, mas nos proporcionou muito aprendizado e nos permitiu colocar em prática tudo o que aprendemos neste período, pois o Programa de Residência Pedagógica tem nos proporcionado um grande conhecimento pedagógico.

REFERÊNCIAS

BERTINI, Luciane de Fátima (Orgs). **A Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental:** práticas de sala de aula e de formação de professores. Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2018.

GATTI, Bernardete. A. **O professor e a avaliação em sala de aula.** Estudos em avaliação educacional, n.27. 2003.